

PETZINE

apresenta

Além do estigma: HIV/AIDS em foco



VOLUME 4



Agradecimentos

Nesta edição gostaríamos de agradecer ao membro mais antigo do PET, o Robertinho, que infelizmente está deixando o grupo. Obrigado por todas imensuráveis contribuições. Desejamos todo sucesso e felicidade em sua jornada. Saiba que sempre estaremos aqui por você amigo!

Muito obrigado professora Lara Facioli, pela participação no debate do Cinepet de novembro, além de colaborar com esta edição tão especial do zine.

Agradecimentos especiais também a todas as pessoas que dedicam seu tempo, esforço e paixão na divulgação de informações, na luta contra o estigma e na promoção da conscientização sobre o HIV/AIDS. Seu comprometimento é fundamental para trazer mais compreensão e apoio a essa causa tão importante.

Sumário

Agradecimentos.....	3
CinePET do mês.....	5
Carta para além dos muros.....	5
Em diálogo com o filme.....	7
Cartas, livro de Caio Fernando Abreu.....	7
Brenda Lee.....	8
Conversa para além dos muros sobre HIV/AIDS.....	9
Por onde de fato começar?.....	10
Aids: conheça os principais marcos da história da doença.....	10
Mais informações e atualizações?.....	11
Agência de notícias da Aids.....	11
Para conversar com as crianças:.....	12
The bravest boy I know, livro da UNAIDS.....	12
Filmes e curtas.....	13
Filadélfia (1993).....	13
Anjos da Asa Quebrada: Prevenção da transmissão vertical do HIV e sífilis (2006)	14
Clube de compras Dallas (2014).....	15
120 batimentos por minuto (2017).....	16
Músicas.....	17
Relatos.....	19
Nasci com HIV Histórias de ter.a.pia #163.....	19
Depois daquela viagem, livro de Valéria Piassa Polizzi.....	20
Histórias da AIDS, livro de Artur Timerman e Naiara Magalhães.....	21
Verme – Picolé de Limão.....	22
Para aprofundar.....	23
HIV em idosos.....	23
Precisamos falar sobre HIV/AIDS.....	24
Narrativas positivas: vulnerabilidade de mulheres ao HIV/Aids em relações heterossexuais de conjugalidade.....	25
Drauziocast #156 Tratamento de prevenção e de pós-exposição ao HIV.....	26
Aids e suas metáforas.....	27
Doença como metáfora.....	28
InfectoCast.....	29
Literatura e HIV/Aids: reflexões sobre a era pós-coquetel.....	30
Olhar o passado para ressignificar o futuro.....	31
Fale conosco.....	32

CinePET do mês

Carta para além dos muros



Texto por Lara Facioli, a debatedora

Carta para Além dos Muros é um documentário que realiza um panorama cronológico e histórico sobre a AIDS e o HIV no Brasil. O filme se empenha em apresentar múltiplas discursividades sobre a AIDS apontando relatos de sujeitos que conviveram com a doença no momento em que a possibilidade de viver bem com ela era escassa, da mesma forma em que aborda falas de infectologistas, figuras públicas, ativistas, portadores do vírus ou pessoas engajadas com a luta pelo combate ao estigma ainda presente na realidade brasileira em torno das pessoas que convivem com a doença.

O filme é uma homenagem ao escritor Caio Fernando de Abreu, que também foi vítima do HIV, e aparece no material áudio visual de forma política e poética. O título do filme é considerado uma extensão do seu livro Cartas e uma das personagens que figura no documentário leva o nome do escritor. O livro de Caio é quase uma autobiografia a respeito do momento em que o escritor se descobre como portador da doença. Em um contexto em que a morte é o horizonte possível, caio aborda as

inseguranças de viver com a doença, seus medos e os efeitos do pânico moral que se difundiu a respeito das pessoas contaminadas.

O HIV é um vírus social, o que quer dizer que ele ultrapassa fronteiras estritamente biológicas e atravessa os corpos não somente como uma doença, naquela época, debilitante e fatal, mas de maneira a regular, controlar e exterminar sexualidades entendidas como perversas, anormais, passíveis de serem eliminadas. Nesse sentido, a AIDS repatologiza as sexualidades dissidentes, estabelecendo sobre elas nova espécie de dispositivo de controle.

Por meio de uma observação atenta da história da AIDS no mundo e no contexto brasileiro podemos reconstituir a história das sexualidades brasileiras e refletir como a relação entre saúde e doença, normal e patológico está atravessada por dimensões de gênero, sexualidade, classe social e raça. Ser portador de um vírus, nesse caso, é carregar um estigma histórico de ser não somente responsável pelo próprio adoecimento, mas apresentar algum tipo de desvio moral.

Assistir ao filme nos permite compreender de onde vem a noção ainda divulgada socialmente de que algumas formas de sexualidades e desejos são sujas e indesejáveis. Discutir esse passado ainda presente em nossa forma de pensar permite romper preconceitos e paradigmas acerca não somente da doença, mas compreender os processos sociais, históricos e políticos que atravessam as narrativas em torno das sexualidades no Brasil.

Em diálogo com o filme

Cartas, livro de Caio Fernando Abreu



Marcante para os fãs de Caio Fernando Abreu (1948 - 1996) - e porta de entrada em seu universo para uma nova geração de admiradores -, Caio Fernando Abreu: Cartas foi lançado originalmente em 2002 pela editora Aeroplano. Além de ter servido como inspiração para o título do longa "Cartas para além do muro", o livro traz revelações do autor em sua relação com Cazuzza, trocas de confidências com Maria Lídia Magliani, Maria Adelaide Amaral, Adriana Calcanhotto, Bruna Lombardi, e mais uma diversidade que nos dá a medida de como Caio conseguiu, em seus 47 anos de vida, transitar por múltiplos universos artísticos. Isso também transpareceu na sua obra literária. No tempo em que viveu, escreveu contos, romances, textos dramáticos e roteiros de filmes. Também traduziu autores como Susan Sontag e Carson McCullers, isso sem falar de sua atuação como jornalista na Folha da Tarde, em Zero Hora, O Estado de S.Paulo e tantos outros veículos. Na obra não é apenas demonstrada a qualidade literária das cartas, mas também apresenta um panorama da cultura brasileira entre 1965 e 1996, ano do falecimento do escritor. Não é exagero dizer que a publicação das cartas do escritor impulsionou a "febre Caio Fernando Abreu", espalhada pelo meio universitário e também na internet.

Brenda Lee



Brenda Lee nasceu em Bodocó, Pernambuco, em 10 de janeiro de 1948. Aos 14 anos foi morar no bairro do Bexiga, na capital de São Paulo. Em 1984 adquiriu o imóvel na rua Major Diogo e fez uma pensão. Lá, acolhia as jovens travestis expulsas de suas famílias consanguíneas, surgindo assim o “Palácio das Princesas”. Na época, a AIDS já vinha forte, trazendo junto a explosão de preconceitos e irresponsabilidades. Brenda abrigava a todos como podia, dava-lhes moradia, medicamentos, cuidado, carinho. A “Mãezona” partiu para buscar ajuda por todo canto e na busca por recursos para melhorar as condições de acolhimento, participou de programas de televisão, palestras, eventos em casas de shows, enfim, tudo o que em seu entendimento pudesse reverter em recursos para os doentes que acolhia. Segundo João Silvério Trevisan, a Casa de Brenda “se tornou quase uma extensão do hospital Emílio Ribas e uma entidade fundamental para a rede estadual de saúde, no setor de Aids”. Em 1988 Brenda firmou convênio com a Secretaria de Estado de Saúde do Estado de São Paulo para acolhimento e cuidado de soropositivos, independentemente de qualquer distinção. Em 1992 a Casa de Apoio Brenda Lee é formal e juridicamente constituída, tendo Brenda como sua Presidente vitalícia. Esteve à frente desse trabalho social voluntário, espontâneo, pioneiro por mais de dez anos, fruto de seu entendimento pessoal da necessidade de comprometimento com a coletividade, da fraternidade e generosidade como valores a serem praticados cotidianamente. Em 28 de maio de 1996, porém, infelizmente foi encontrada morta, assassinada com tiros na boca e no peito, no interior de uma kombi, estacionada em um terreno baldio na Capital paulistana. Mesmo assim, seu trabalho tornou-se referência no cuidado aos portadores do HIV-Aids, sendo reconhecido nacional e internacionalmente.

Obrigado, Brenda Lee!

Conversa para além dos muros sobre HIV/AIDS

Texto de Cássio Marinho Capelo



Reconhecendo a adolescência como uma fase vulnerável a infecções sexualmente transmissíveis, o estudo aborda a importância de discutir o HIV/AIDS com alunos do 9º ano do ensino fundamental. Para tal, foi utilizado o documentário “Carta para além dos muros”. Após a exibição, os estudantes foram divididos em grupos e compartilharam suas percepções e participaram de uma roda de conversa avaliativa. Os resultados mostraram que a maioria não tinha informações prévias sobre o HIV/AIDS, e a exibição do documentário despertou um interesse significativo. Além disso, foi evidenciada uma expressiva aprendizagem, destacando a obra como uma ferramenta eficaz para abordar o assunto. O estudo ressalta a importância de incluir temas como ISTs no currículo escolar, particularmente para adolescentes, enfatizando que a educação sexual é crucial para preparar os jovens para uma vida sexual ativa e saudável. Ademais, destaca o papel fundamental do professor como facilitador desse tipo de discussão, ao criar um ambiente aberto e acolhedor para os alunos expressarem suas dúvidas e compreensões sobre o tema.

Por onde de fato começar?

Aids: conheça os principais marcos da história da doença



Escolhemos iniciar a expansão da discussão com este vídeo por ser bastante curto e introdutório. Nesses poucos mais de quatro minutos, há explicações sobre o aumento da disseminação do vírus entre 2010 e 2018, perpassando também pelo contexto histórico da AIDS, geral e brasileiro, além de explicar a importância do SUS no combate de sua proliferação no Brasil. Por fim, indica sites para aqueles que buscam maiores informações.



Acesse o vídeo aqui

Mais informações e atualizações?

Agência de notícias da Aids

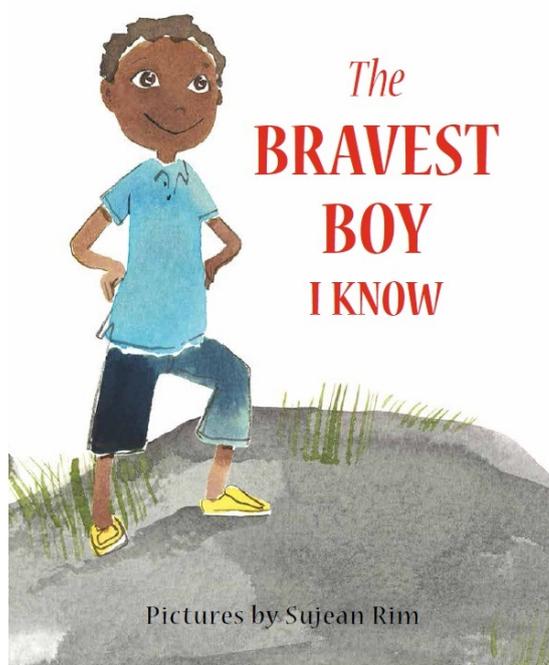


A agência de notícias da aids possui Facebook, Instagram, site e canal no YouTube. Criada pela jornalista Roseli Tardelli em 2003, produz e divulga informações sobre HIV/Aids, saúde sexual e reprodutiva, direitos humanos e das populações LGBTIA+. Nela, profissionais de comunicação encontram artigos assinados por especialistas na área da saúde, textos produzidos por pessoas que vivem com HIV/aids, dados sobre a evolução da epidemia no mundo e os resultados das pesquisas feitas em vacinas no combate à aids e muito mais.

Para conversar com as crianças:

The bravest boy I know, livro da UNAIDS

Contando com uma abordagem sensível e belíssimas ilustrações, o livro traz a história do cotidiano de duas crianças, Kayla e Kendi, que são muito amigas e uma delas é portadora de HIV. Infelizmente a obra ainda não possui edição em português, seja escrita ou versão audiovisual, entretanto é possível adicionar legendas em português na versão vídeo.



Assista o vídeo neste qrcode

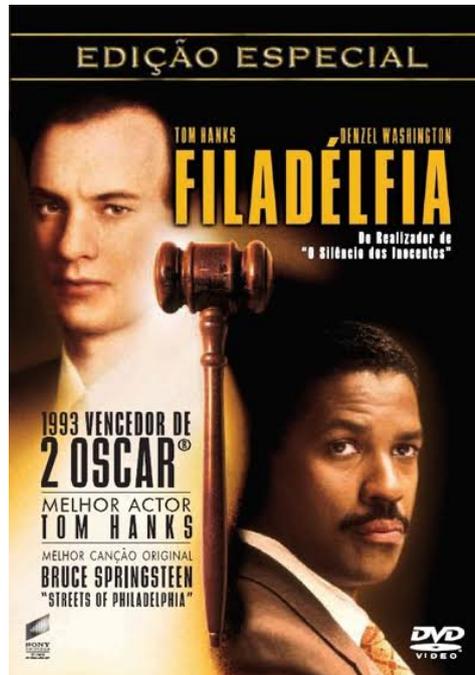


Acesse o livro por aqui



Filmes e curtas

Filadélfia (1993)



Primeira grande aposta de Hollywood com alto orçamento a abordar o tema da AIDS e tornou-se um marco. Inspirado em um dos primeiros grandes casos de discriminação da AIDS, o de Geoffrey Bowers, o filme apresenta a história do promissor advogado Andrew Beckett (Tom Hanks), que trabalha para um tradicional escritório de advocacia na cidade da Filadélfia, Estados Unidos. Recém-convidado para ser sócio, sua ascensão profissional é certa, até que uma estranha doença o afasta de suas atividades por alguns dias. Beckett acaba demitido sem justa causa, e, embora seus chefes queiram que ele pense ter sido por conta deste afastamento e alguns documentos extraviados, o advogado está certo que foi porque descobriram que ele é gay e estava com AIDS. Beckett então decide processá-los, no entanto, devido ao renome do escritório, restam poucos dispostos a aceitar o desafio. É então que Joe Miller, interpretado por Denzel Washigton, advogado homofóbico de pequenas causas aceita defendê-lo, principalmente pelo dinheiro e exposição que o caso ganhou. A partir daí, Joe se entrega totalmente a missão de provar que Andrew foi demitido exclusivamente por sua sexualidade e por ser portador do vírus da HIV.

Anjos da Asa Quebrada: Prevenção da transmissão vertical do HIV e sífilis (2006)



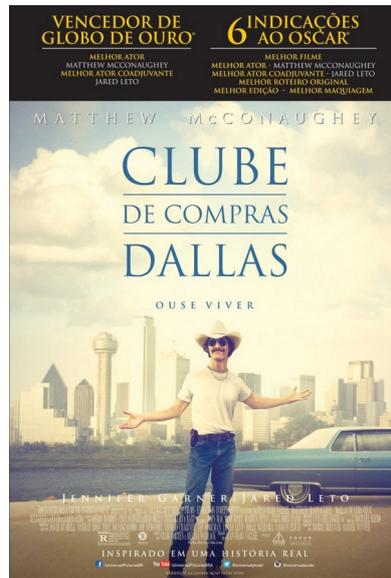
O curta relata a jornada de Silvana, que recebeu o diagnóstico de HIV enquanto amamentava seu filho Adam. A tragédia a acompanhou, levando-a a perder o marido e outro filho, Lincoln, para a AIDS. Este documentário comovente destaca o testemunho de Silvana, enriquecido com insights de profissionais de saúde, sublinhando a crucial relevância da detecção precoce do HIV e sífilis, especialmente no contexto da amamentação. A narrativa ressalta não apenas a dor pessoal de Silvana, mas também a urgência de medidas preventivas para evitar a transmissão vertical dessas doenças.



Ficou interessade?

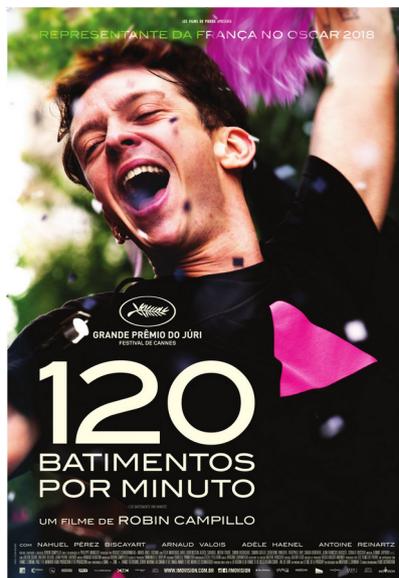
Assista aqui!

Clube de compras Dallas (2014)



Dirigido por Jean-Marc Vallé, narra a história de Ron Woodroof (Matthew McConaughey), um texano heterossexual, diagnosticado com AIDS na década de 1980. Por manter relações sexuais sem uso de preservativos e por utilizar drogas injetáveis, Ron contrai a doença e logo começa a sofrer seus sintomas mais nefastos. Inicialmente, o personagem não aceita o diagnóstico realizado pela equipe médica, acreditando que a doença atingia apenas o público homoafetivo. Por estar em um quadro clínico mais avançado, seus médicos lhe informam que teria pouquíssimo tempo de vida, condição que afeta muito o lado psicológico do personagem. Por não apresentar melhoras no seu estado de saúde, Ron começa a estudar mais sobre a doença e descobre que estava infectado pelo vírus devido ao estilo de vida praticado. Desesperado por uma melhora no seu estado de saúde, Ron passa a comprar ilegalmente o AZT, droga que ainda estava em testes iniciais para o tratamento da AIDS. No entanto, o medicamento, combinado ao uso abusivo de álcool e entorpecentes, fez com que a saúde de Woodroof declinasse. Ele parte em busca de tratamentos com drogas alternativas, porém ilegais segundo o controle realizado pela FDA (Food and Drug Administration) na época. A partir disso avalia uma oportunidade para seu tratamento e para ganhar dinheiro: passa a trazer as drogas de outros países e cria um clube de compras no qual os associados pagavam uma mensalidade e os medicamentos eram oferecidos de maneira “gratuita”.

120 batimentos por minuto (2017)



A grande protagonista do longa é, na verdade, uma organização. A ACT UP, sigla para AIDS Coalition to Unleash Power, é um grupo que nasceu em 1987 em Nova York e se tornou uma organização internacional que trabalha em prol de melhorias na qualidade de vida de pessoas soropositivas, fazendo pressão em assuntos como legislação, pesquisa científica, novos tratamento e políticas públicas. O filme mostra o grupo de sobreviventes que integram a organização lutando, através da militância, pela própria vida. Essa luta, é claro, não é homogênea e há muita discordância dentro do próprio grupo do ACT UP. Cada personagem na trama representa algum tipo de pessoa afetada pelo HIV - desde o soropositivo que contraiu o vírus em sua primeira relação sexual até a mãe que luta pela vida do filho - e o filme mostra como, mesmo com as mais profundas divergências, a força da causa inevitavelmente os une em um elo de empatia e companheirismo. Do começo ao fim, 120 Batimentos por Minuto fala de tudo um pouco: dos momentos de luta contra as autoridades, dos confrontos internos causados tanto por divergência quanto por estafa mental e física, das demandas específicas dos soropositivos dentro da comunidade LGBT e, não menos importante, da fagulha de prazer em estar vivo que faz com que todos os personagens não desistam da luta. Não por menos, para abordar tanta coisa de forma delicada e sem pressa, o filme conta com 140 minutos - o que pode ser cansativo para grande parte do público. Porém, é impossível não se emocionar com a noção de urgência que permeia a relação entre vida e morte, direta ou indiretamente, para todos os personagens. 120 Batimentos por Minuto é uma aula não só de luta ideológica, mas um filme emocionante e necessário nos dias de hoje.

Músicas



Janet Jackson - Together again

Escrita pela artista em homenagem a um amigo morto pela AIDS. Além de sua própria experiência de perda, Janet também ouviu histórias de outras pessoas para compor a música, que virou um hino para todos aqueles que perderam amigos ou parentes para a doença.

Sarah McLachlan - Hold on

Inspirada na história verídica de uma mulher cujo noivo descobre ser portador do HIV. A reação? Uma jura: “Let nothing come between us/ My love for you is strong and true” (Não deixe que nada nos separe/ Meu amor por você é forte e verdadeiro).



Madonna - In this life

Escrita pela cantora para duas pessoas muito próximas a ela: seu amigo, Martin Burgoyne e seu mentor Christopher Flynn. Além da letra, a melodia também ajuda a criar toda uma aura reflexiva.

Elton John - The last song

Esta música de 1992 se tornou um dos maiores símbolos da luta contra a AIDS. O cantor se coloca na mente de um homem à beira de sua morte, “As light as straw and brittle as a bird” (tão leve quanto uma palha e tão frágil como um pássaro).



George Michael - Jesus to a Child

Escrito e composto inspirado do seu ex-namorado, o brasileiro Anselmo Feleppa, morto pela AIDS. A inspiração foi tanta que até a melodia da música arrisca uma bossa nova, enquanto a letra promete: “So the words you could not say, I’ll sing them for you” (Então as palavras que você não pôde dizer, eu as cantarei para você)



Legião Urbana - Via láctea

Não é segredo pra ninguém que Renato Russo, vocalista da banda, era portador de HIV - ele partiu em 1996. Como todo bom artista, ele escreveu sobre sua dor nesta canção “Hoje a tristeza não é passageira/Hoje fiquei com febre a tarde inteira/E quando chegar a noite/Cada estrela parecerá uma lágrima”.



Este qr code te levará para uma playlist com vídeos legendados das músicas

Relatos

Nasci com HIV | Histórias de ter.a.pia #163

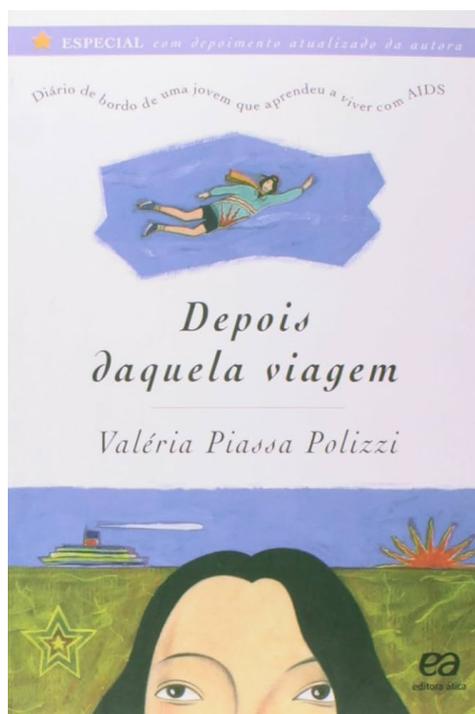


Neste primeiro depoimento, é mostrada a história da Jennifer, que nasceu com HIV, fato descoberto por sua família somente quando sua mãe faleceu em decorrência da Aids, em 1995, aos 32 anos. Com o diagnóstico de HIV, devido à transmissão vertical de sua mãe para ela, a vida de Jenni mudou drasticamente. Inicialmente, a família acreditava que seu destino seria semelhante ao da mãe, por falta de informação sobre o tratamento. Porém, com o tratamento adequado, Jenni conseguiu viver normalmente até a adolescência. Infelizmente, ao parar o tratamento, ela desenvolveu AIDS, enfrentando graves problemas de saúde. Com um medicamento experimental, conseguiu reduzir sua carga viral e, após alguns anos de luta, hoje vive novamente de forma saudável, com o apoio de seu pai, namorado, amigos e médico. Aos 32 anos, Jenni conta que se concentra em viver plenamente, superando os desafios e vivendo além das expectativas.

Quer ouvir o relato de Jennifer?

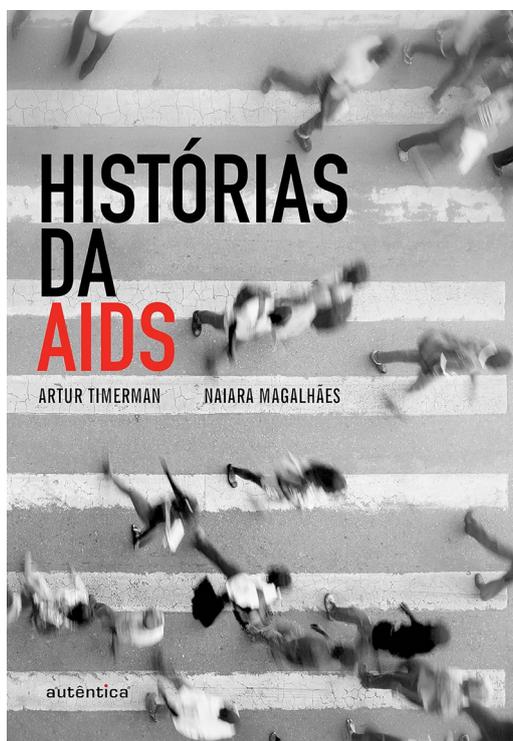


Depois daquela viagem, livro de Valéria Piassa Polizzi



A história se inicia na década de 1980, com a viagem de cruzeiro que Valéria faz com seus pais, aos 16 anos. No navio, conhece um rapaz 9 anos mais velho que a contamina com HIV. Acreditando ter recebido sua sentença de morte, a jovem resolve passar um tempo nos Estados Unidos. Lá, descobre que é possível viver com o vírus por um longo tempo e de forma saudável, porém, mesmo com esta ponta de esperança, foge o quanto pode do tratamento com antirretrovirais, sendo iniciado somente após contrair uma febre que não baixava e um mal-estar frequente. Ao mesmo tempo que narra uma história de preconceito e sofrimento, a obra propicia uma verdadeira imersão cultural no cotidiano e na alma dos jovens de sua época. Valéria relata com bom humor e descontração assuntos rotineiros na vida dos jovens como vestibular, o despertar da sexualidade, viagens, família e amigos, porém na perspectiva de quem achava que não viveria tempo o suficiente para realizar seus sonhos e projetos.

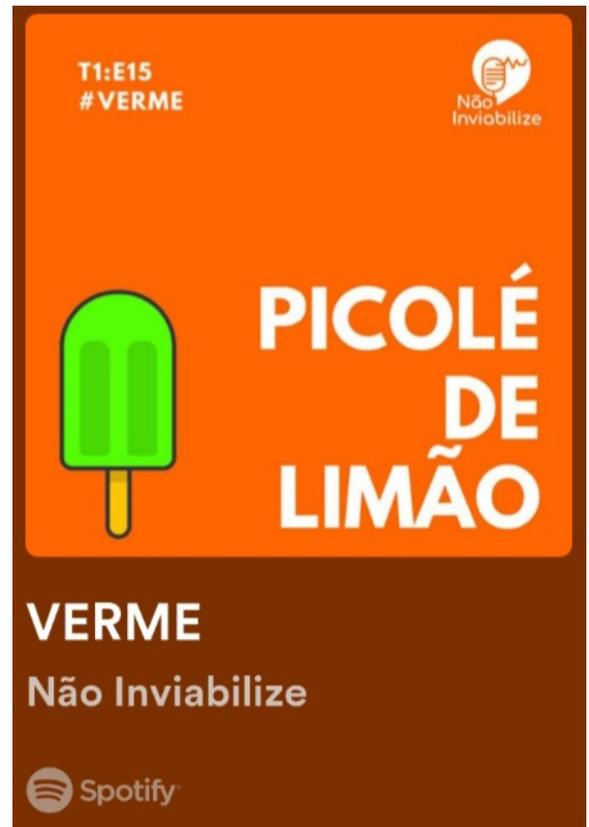
Histórias da AIDS, livro de Artur Timerman e Naiara Magalhães



Este livro, escrito por Artur Timerman, com a colaboração de Naiara Magalhães, oferece uma narrativa única sobre a evolução da AIDS nas últimas três décadas. Timerman, infectologista, que atua no combate à doença desde os primeiros casos no Brasil, combina perspectivas médicas e relatos daqueles que convivem com o HIV, a fim de explorar tanto a metamorfose da doença quanto trajetórias individuais. Ao fazer isso, o livro mostra a mudança na fisionomia da AIDS ao longo do tempo, desassociando-a da imagem tradicional e ressaltando a ubiquidade do vírus na sociedade, também examinando o cenário brasileiro, desde o pioneirismo na distribuição gratuita de medicamentos até os atuais desafios na prevenção. A obra apresenta, por fim, o otimismo científico em relação à possibilidade de remissão definitiva, isto, pois, só nos Estados Unidos há por volta de 40 medicamentos e vacinas sendo desenvolvidos para o tratamento e a prevenção do HIV/AIDS.

Verme - Picolé de Limão

Esta história estar aqui é o máximo de spoiler possível para não estragar a experiência do ouvinte. O episódio faz parte do quadro “Picolé de limão”, do podcast Não Inviabilize, da Deia Freitas.



Para aprofundar

HIV em idosos



O vídeo da infectologista Keilla Mara de Freitas explica que o HIV em idosos é uma realidade crescente, com um aumento significativo de casos nos últimos 10 anos, chegando a um crescimento de 103%. Este aumento levanta preocupações sobre as diferenças entre a infecção por HIV em jovens e idosos. Apesar de ser uma séria ameaça global à saúde, o tema do HIV em idosos frequentemente é negligenciado, devido a estigmas e à crença equivocada de que idosos não são suscetíveis a infecções sexualmente transmissíveis. A longevidade e os avanços médicos têm permitido que os idosos mantenham uma vida sexual ativa, porém, a conscientização sobre os riscos de infecções sexualmente transmissíveis não acompanhou esse aumento na atividade sexual. Os dados do Ministério da Saúde indicam um aumento nas taxas de infecção por HIV entre idosos no Brasil, tanto em homens quanto em mulheres. Além disso, indivíduos que contraíram o HIV quando jovens estão agora envelhecendo, apresentando novos desafios médicos. Identificar o HIV em idosos pode ser complicado devido à variedade ou à ausência de sintomas, resultando em diagnósticos tardios e complicações graves. Os sinais de alerta para a AIDS em idosos podem ser confundidos com problemas comuns relacionados à idade. A infecção por HIV pode agravar a imunossenescência natural dos idosos, tornando-os mais suscetíveis a infecções oportunistas e piorando outras condições de saúde relacionadas à idade. Além disso, o HIV pode causar inflamação crônica, aumentando o risco de doenças cardiovasculares, renais, diabetes, entre outras. Tratar o HIV em idosos também demanda consideração de outras condições de saúde e possíveis interações medicamentosas com tratamentos para doenças crônicas.



É interessante destacar que este é um entre os diversos vídeos sobre o tema no canal da médica, possível de ser acessado no qr code, vale a pena conferir.

Precisamos falar sobre HIV/AIDS



Nada melhor para explicar o que se esperar deste vídeo do que sua própria descrição no YouTube: Primeiramente: “Qualquer ser humano com a vida sexual ativa está vulnerável ao HIV.” No Brasil, a população negra não é a que mais se infecta com HIV, mas é a que mais morre em decorrência de Aids, explica nossa convidada da semana Micaela Cyrino, multiartista, produtora e diretora de arte. Micaela também frisa a problemática de estarmos numa epidemia de Aids há 40 anos e ainda ter pessoas que não sabem as vias de transmissão do vírus ou suas possibilidades de tratamento, prevenção e não transmissão, e afirma ser uma questão coletiva e de saúde pública, “Parece que a responsabilidade do HIV fica em cima somente das pessoas que vivem com HIV. A gente precisa falar do HIV no lugar de saúde pública e não no lugar de pudor, culpa, medo ou morte.” A desmistificação e a quebra de paradigmas quando se trata de Aids é urgente! “Naturalizar o meu corpo positivo, com pessoas que não são positivas, e é isso que a gente precisa, se tocar de várias maneiras, fisicamente, mas também ‘se tocar, gente!’, o preconceito já precisa acabar”, diz nosso convidado Alberto Pereira Junior, apresentador e jornalista. E finaliza com uma mensagem de vida: “A gente tem que colocar sempre a vida, a palavra vida, e colar a vida com HIV/Aids. VIDA, não é morte mais, a gente não morre de Aids, se a gente se cuidar.”

Acesse este conteúdo por aqui



Narrativas positivas: vulnerabilidade de mulheres ao HIV/Aids em relações heterossexuais de conjugalidade

Texto de Luciana Kind e Patrícia Chaves do Nascimento

Este estudo aborda a vulnerabilidade das mulheres heterossexuais ao HIV/AIDS em relacionamentos conjugais. Nele são exploradas as experiências de mulheres soropositivas, questionando a ligação entre conjugalidade e imunidade à infecção, além de destacar a interconexão entre diferentes dimensões de vulnerabilidade, mostrando como elas se entrelaçam ao longo das narrativas das entrevistadas. Utilizando uma abordagem teórico-metodológica flexível, o estudo coletou dados por meio de observação participante, entrevistas narrativas e diários de campo. Análises estruturais, dialógico-performativas e temáticas foram realizadas para compreender os aspectos individuais e sociais presentes nas narrativas. Subtemas como identidades de gênero, violência contra mulheres e aceitação da infidelidade masculina foram apresentados, todos contribuindo para a vulnerabilidade ao HIV/AIDS no contexto conjugal. As narrativas demonstram como os ideais de amor romântico afetam as práticas sexuais e dificultam a negociação do uso do preservativo, aumentando a vulnerabilidade das mulheres à infecção. Além disso, evidenciam o silenciamento e a invisibilidade enfrentados pelas mulheres soropositivas, refletindo estigmas sociais e desafios na revelação de sua condição. O texto deixa claro a necessidade de abordagens holísticas para lidar com as complexas dinâmicas que contribuem para a vulnerabilidade das mulheres ao HIV/AIDS em relacionamentos conjugais, visando minimizar os riscos e enfrentar o estigma associado à soropositividade.

Texto integral aqui:



Drauziocast #156 | Tratamento de prevenção e de pós-exposição ao HIV



Neste episódio do podcast do médico Dráuzio Varella, a conversa gira em torno de como, na segunda metade dos anos 1990, o Brasil teve um papel muito importante no combate à epidemia de aids, tornando-se referência no mundo todo ao adotar a política de distribuir gratuitamente medicamentos antivirais para tratamento. Apesar disso, infelizmente ao longo dos anos as campanhas de prevenção foram sendo deixadas de lado. O infectologista Rico Vasconcelos, professor da Universidade de São Paulo (USP), é o convidado do episódio e traz explicações acerca de quando a PrEP e a PeP são recomendadas, além das maneiras que elas vêm sendo utilizadas, no Brasil e no mundo.

Aids e suas metáforas

Texto de Susan Sontag

Escrito em 1988, de início Susan Sontag destaca que o câncer vinha sendo desvinculado do mal que encarnava quando escreveu o Doença como metáfora. O estigma associado a ele passou à AIDS, que o banalizou, já que toda sociedade precisa identificar uma enfermidade como sua inimiga, o que leva à culpabilização das pessoas acometidas por ela. Justamente por ser uma doença não inteiramente conhecida, na época, é que ela passou a ocupar o lugar do câncer num processo constante de metaforização. Enquanto as metáforas militares usadas para descrever o câncer deixam de lado sua causalidade, elas passaram a ter como foco o elemento causador da AIDS, um agente infeccioso, alienígena, que vem de fora. Como afirma a autora, epidemias associadas à depravação sexual estabelecem uma distinção entre os transmissores em potencial da doença e a população em geral - no caso, heterossexual e branca. Assim, ela não acomete as pessoas aleatoriamente, mas a quem teria relações sexuais em excesso e uma sexualidade dissidente, compreendida enquanto perversa. De acordo com a crítica, a peste é a principal metáfora pela qual a epidemia da AIDS foi compreendida, isso porque transforma o corpo em algo repulsivo - como a sífilis e a lepra -, é encarada como um castigo coletivo, direcionada a um grupo de risco, "condenado", que, a partir da Europa, vem de fora, do Outro. Nesse caso, do continente africano, de pessoas pretas e pobres. A associação da doença à peste só teve lugar por seu meio de transmissão ser o ato sexual, a serviço de uma "paranoia política", como atesta Sontag. Dessa maneira, num movimento de reforço à visão moralista acerca do sexo, a AIDS, historicamente, representa toda forma de exercício da sexualidade que não a da família heterossexual e monogâmica como promíscua e divergente - é a "peste gay".

Doença como metáfora

Texto de Susan Sontag

A crítica Susan Sontag foi diagnosticada com câncer de mama em 1975. Alguns anos depois, em 1978, o ensaio “Doença como metáfora” é lançado, no qual ela busca examinar, na história do Ocidente, os usos populares da doença como metáfora, figura ou representação. Para isso, a partir da análise de uma série de obras literárias, discursos médicos e políticos, ela toma como foco o uso da tuberculose, no século XIX, e do câncer, no século XX, como metáfora, e estabelece similaridades e diferenças entre os dois. Como nos diz a autora, historicamente, fantasias cercam enfermidades que são consideradas incompreensíveis e têm um estatuto de mistério: elas se tornam moralmente contagiosas, são atreladas ao mal e viram um adjetivo negativo. Enquanto a tuberculose acomete os pulmões e é, metaforicamente, umadoença da alma, espiritualizada, o câncer pode se dar em qualquer parte do corpo da pessoa – é uma doença apenas do corpo. Compreendidas como enfermidades da paixão, a primeira seria causada por um excesso de paixão, já a segunda seria resultado de uma falta dela. A romantização da tuberculose teve lugar a partir do século XVIII porque passou a ser um modelo para a imagem aristocrática europeia, passou a ser uma marca de distinção da nobreza. Já nas descrições do câncer, por outro lado, as metáforas utilizadas são de ordem militar, da guerra – as células cancerígenas são invasivas, a doença é um inimigo fatal, inescapável, contra o qual a sociedade luta. Por fim, destaca-se que, como afirma Sontag, as pessoas que sofrem de uma doença em nada se beneficiam de ouvi-la atrelada à representação de todo o mal.

Ambos os textos aqui trazidos de Susan Sontag fazem parte do livro ‘Doença como metáfora/Aids e suas metáforas’.



InfectoCast

A ideia aqui é desbravar o mundo dos fungos, vírus, bactérias, protozoários e suas relações com os seres humanos de uma forma descontraída. Dentre a enorme quantidade de episódios, diversos abordam o tema da HIV, como por exemplo, o #14 - Risco cardiovascular no HIV, #7 Terapia dupla x terapia tripla no HIV, #49 e #50 - Endocrinopatias no HIV, entre outros.

Fundado em 2017 pelo infectologista João Prats, o InfectoCast é um dos podcasts pioneiros no ramo de educação médica com este objetivo de popularizar um conteúdo muitas vezes complexo, de forma clara e objetiva. Já em 2020 o projeto passou a acontecer sob o comando dos residentes de Infectologia da Unifesp: Klinger Faíco, Jordan Pinheiro, Victor Passarelli e Willian Dunke.



Literatura e HIV/Aids: reflexões sobre a era pós-coquetel

Texto de Danilo Rodrigues Melo e João Camillo Penna



O texto aborda a evolução da literatura brasileira sobre o HIV/AIDS desde os anos 1980 até os dias atuais. Inicialmente, destaca a criação de uma “epidemia discursiva” relacionada à AIDS, influenciada pelo sensacionalismo jornalístico. Autores como Herbert Daniel e Caio Fernando Abreu surgem como vozes críticas, desafiando estereótipos e preconceitos. A narrativa explora a mudança após a introdução do coquetel antirretroviral na década de 1990, transformando a AIDS de sentença de morte em doença crônica. O texto destaca a diminuição da discussão pública sobre a AIDS e o ressurgimento recente, atribuindo isso a um novo levante conservador e à persistência de discursos prejudiciais. A literatura pós-coquetel é apresentada como uma resposta contemporânea, com autores como Rafael Bolacha e Gabriel Abreu (pseudônimo de Salvador Corrêa) compartilhando experiências através de blogs e livros. O foco se desloca da iminência da morte para explorar questões como relacionamentos sorodiscordantes, a centralidade dos medicamentos antirretrovirais e a autodescoberta. O autor também destaca obras como “Mãe me adora” de Luís Capucho e “Fake” de Felipe Barenco, que abordam respectivamente a vida com medicamentos e relacionamentos sorodiscordantes, contribuindo para uma nova compreensão do HIV. Por fim, é destacada a importância da linguagem na desconstrução de estereótipos e preconceitos, especialmente em obras recentes como o livro de poesia de Ramon Nunes Mello, “Há um mar no fundo de cada sonho”.

Olhar o passado para ressignificar o futuro

Texto do coletivo Amem Ocupa



Este texto foi escrito por pessoas negras dissidentes sexuais ou de gênero e HIV positivas e reflete a influência do movimento HIV/Aids na arte negra positiva, usando o conceito de Sankofa para ressignificar o futuro. Nele são trazidas a resistência dessas vidas e a luta contra a discriminação e o estigma. Além disso, são destacados ativistas e artistas, como Assotto Saint, Marlon Riggs, Kia, Danez Smith, Micaela Cyrino e Busi Sigasa, e de que maneira suas obras confrontam o racismo, a discriminação e a invisibilidade. Explora também a exclusão dessas vozes em museus e exposições, enfatizando a necessidade de reconhecimento e representação adequada dessas comunidades e aponta a violência na omissão e no apagamento, ressaltando a importância de espaços de escuta. Vale destacar que ao longo de 40 anos de enfrentamento à epidemia de Aids, esses artistas e ativistas continuam a questionar, a produzir arte e a buscar caminhos de cura para suas comunidades marginalizadas.

Fale conosco

Esse zine é resultado de um projeto coletivo do grupo PET (Programa de Educação Tutorial), que atualmente conta com os integrantes Alessa Coelho Lauriano, Ariel Gomides Ferreira, Breno Bach Taques Camargo, Eduardo Henrique Leão Ruaro, Fernanda Tomazini, Hector Prestes, Hericsson Bueno Marchiorato, Juliana Thiemi Muraoka Vicente, Kailany Pereira Barros, Luis Felipe Siquinel De Paula, Márcio Rocha, Roberto Malcher De Barros e Victor Arthur Salles Teixeira, além da tutora Andrea Carvalho Mendes De Oliveira Castro. Outras atividades também são desenvolvidas pelo grupo, tais como: o CinePET, atividade na qual são exibidas produções fílmicas acompanhadas por debates e discussões de ordem social; o PETcast, onde conversamos com professores e pesquisadores convidados sobre suas pesquisas e trajetórias; PETmídias, em que divulgamos nossas atividades e produzimos posts de indicação de leituras, filmes ou séries.

É importantíssimo destacar que a existência do grupo PET só é possível devido ao investimento público nas Universidades.



Instagram: @petcsufpr



e-mail: csociaispet@gmail.com



youtube: @petcienciassociaisufpr



spotify:



Esta edição é dedicada ao Dia Mundial da Luta Contra a AIDS, celebrado em 1º de dezembro, uma data global de apoio às pessoas vivendo com HIV e em memória daqueles perdidos por doenças relacionadas a AIDS. Criado em 1988, este dia marcou o primeiro evento internacional para a saúde global. Deste então, anualmente, agências da ONU, governos e sociedade civil se unem para conscientização e arrecadação de fundos ligados a temas específicos do HIV. A fita vermelha simboliza apoio e conscientização para as pessoas com HIV, representando a luta contra o estigma. Ela dá voz às questões cruciais para quem vive com o vírus e a celebração destaca a persistência da epidemia, exigindo mais financiamento, conscientização do impacto do HIV, fim do estigma e melhoria da vida dos portadores. Desde sua origem, o Dia Mundial da AIDS abordou temas como equidade, direitos humanos, prevenção, estigma e liderança comunitária, essenciais para a resposta à epidemia de HIV/AIDS. O tema atual, “Comunidades liderando”, enfatiza a necessidade de permitir que essas comunidades dirijam os esforços contra a AIDS, destacando a importância de liberar todo o potencial da liderança comunitária para viabilizar o fim da AIDS.

